



**Respondendo às
principais objeções
islâmicas sobre a Bíblia
Parte 2**

Entre a fé e a crítica

por Marcos Amado

III. Respondendo a algumas das objeções de ibn-Taymiyya em relação à Bíblia

A. Corrupção do Significado

Taymiyya, assim como a vasta maioria dos muçulmanos atuais, conclui que os cristãos corromperam o significado das Escrituras, supostamente levando-os à prática de uma religião corrompida e ab-rogada. Algumas das razões são: (1) a falta de concordância entre grupos cristãos existentes nos primeiros séculos após o surgimento do islã, (2) a suposta falta de respaldo bíblico em relação a doutrinas cristãs basilares, como a divindade de Cristo, e (3) a discordância de algumas dessas doutrinas com o que o Alcorão ensina.

Com uma análise sucinta de cada uma dessas três objeções, talvez seja possível determinar se são válidas.

1. A falta de concordância entre grupos cristãos

Não é difícil entender por que a falta de acordo entre diferentes grupos cristãos não é uma boa razão para afirmar que os cristãos mudaram o significado e a prática do cristianismo. É bastante comum que, em diferentes religiões, existam, por um lado, os seguidores "ortodoxos" e, por outro, grupos teologicamente divergentes dentro da mesma religião. Tais grupos são frequentemente considerados hereges e muitas vezes são chamados de seitas. Em seu livro, Taymiyya menciona os arianos e os nestorianos, dois grupos que, no início da história cristã, foram considerados hereges por não estarem de acordo com as posições cristológicas que emanaram de diferentes Concílios.

Taymiyya defendia que os arianos estavam corretos simplesmente pelo fato de terem uma posição cristológica mais parecida com a do Alcorão, ou seja, que Jesus não era Deus nem coeterno com Deus.

No entanto, o fato de os arianos concordarem em alguns aspectos com a posição corânica sobre Jesus não deveria ser suficiente para concluir que os cristãos com um posicionamento considerado ortodoxo estejam equivocados. Por exemplo, a visão sufi sobre a possibilidade de o ser humano ter uma experiência com Deus está mais próxima do entendimento cristão sobre o assunto. O sufismo¹³ é considerado uma seita por muitos muçulmanos, e o Islã sunita ortodoxo diverge de muitos dos ensinamentos que eles propõem. Será que, por essa razão, um cristão poderia dizer que os muçulmanos sunitas corromperam o significado do Alcorão, já que os sufis possuem uma doutrina mais próxima daquilo que os cristãos acreditam? Certamente não.

Ninguém melhor do que aqueles que estavam intimamente relacionados a Maom é, e mais tarde aos seus companheiros, para definir o verdadeiro significado do Alcorão. Se um cristão não crê na teologia que eles apresentam, isso não significa que os muçulmanos o corromperam. Assim como não é papel do cristão definir quais crenças e práticas são verdadeiramente corânicas ou ortodoxas dentro do islã, tampouco é função de um muçulmano definir quais são as doutrinas do cristianismo.

2. A suposta falta de respaldo na Bíblia para algumas doutrinas cristãs

Se uma doutrina cristã não é explicitamente encontrada na Bíblia, isso significa que os cristãos corromperam seu significado? Não necessariamente. É certo que algumas correntes teológicas cristãs criaram tradições bíblicamente infundadas que, eventualmente, se tornaram doutrinas. Mas esse não é o caso, por exemplo, de uma das doutrinas cristãs mais refutadas pelos muçulmanos: a Trindade. O conceito da

¹³ O sufismo é uma “crença e prática islâmica mística na qual os muçulmanos buscam encontrar a verdade do amor divino e do conhecimento através da experiência direta e pessoal com Deus. Consiste em uma variedade de caminhos místicos projetados para determinar a natureza da humanidade e de Deus e para facilitar a experiência da presença do amor e sabedoria divinos no mundo.” (Schimmel, 2023)

Trindade é claramente articulado nas Escrituras cristãs, e o termo abrange o que é teologicamente defensável com base bíblica.¹⁴

Outras doutrinas ou práticas, como o monasticismo, a celebração do Natal, o credo etc., também não são explicitamente mencionadas na Bíblia, mas as formulações teológicas que deram origem a tais doutrinas são frutos da aplicação de uma hermenêutica sólida e trazem lições importantes sobre o que é encontrado nas Escrituras.

Após a ascensão de Cristo, muitas doutrinas tiveram que ser interpretadas e esclarecidas com base nas Escrituras anteriores (Antigo Testamento) e na vida e palavras de Jesus. O Credo, por exemplo, é apenas um breve resumo do que as Escrituras ensinam sobre os aspectos mais importantes da fé cristã. O fato de algumas terminologias encontradas nele não estarem na Bíblia não significa que o que o credo afirma esteja errado. Podemos explicar as antigas verdades com novas palavras.

Vale lembrar que o mesmo aconteceu durante o desenvolvimento da teologia islâmica. Após a morte de Maomé, muitas questões sobre a fé e a prática muçulmana ainda precisavam ser definidas. A obrigatoriedade de orar cinco vezes ao dia, a comemoração do aniversário do profeta Maomé, as prescrições sobre o jejum durante o mês de Ramadã, a crença de que o anticristo virá e de que Jesus retornará (para citar apenas alguns exemplos), não são doutrinas que são explicitamente encontradas no Alcorão. É por isso que os muçulmanos têm a *Sunnah* e o Hadith. Sem essas duas fontes de conhecimento, o Islã (como o conhecemos hoje) estaria incompleto. Embora os muçulmanos argumentem que a *Sunnah* e a interpretação do Alcorão foram transmitidas diretamente pelo profeta, inferindo que também são infalíveis, não é difícil demonstrar a participação humana neste processo.¹⁵

Resumindo: o fato de uma doutrina não ser explicitamente mencionada na Bíblia não significa que ela não é bíblica, desde que o conteúdo dessa doutrina não vá contra o que a Bíblia ensina, mas sim o reforce.

3. A discordância entre as doutrinas cristãs e o Alcorão

Não é aceitável que divergências entre doutrinas cristãs e os ensinamentos do Alcorão sejam usadas como argumento para afirmar que o cristianismo é uma religião corrompida. O motivo é claro: o Alcorão não deve ser usado como o referencial que

¹⁴ A explanação do conceito bíblico da Trindade está fora do escopo deste trabalho. Para uma compreensão mais aprofundada dessa doutrina e orientações sobre como explicá-la aos muçulmanos, recomenda-se a leitura do livro "*Explicando la Trinidad al Islam*" (Madrigal, 2010).

¹⁵ Para uma melhor compreensão do processo de formação do Alcorão, veja (Amado, 2015)

valide ou invalide a veracidade da Bíblia. Em outras palavras, por que a confiabilidade das doutrinas cristãs deveria ser posta em dúvida com base no que o Alcorão ensina? Isso só deveria ocorrer se pudesse ser provado que o Alcorão é a revelação final de Deus, infalível, e que a Bíblia que temos hoje não é confiável por estar repleta de erros. Como será demonstrado nas próximas páginas, esse não é o caso.

Antes de concluir esta seção, é importante ressaltar que as objeções levantadas por Taymiyya em relação a algumas doutrinas cristãs (como a divindade de Jesus, a necessidade do sacrifício de Cristo na cruz para o perdão de pecados etc.) são consequência de uma compreensão incorreta dos ensinamentos cristãos sobre tais doutrinas. No entanto, abordar esse assunto está além do escopo deste trabalho.

B. Corrupção do Texto

É muito interessante observar que Taymiyya jamais provou objetivamente que o texto da Bíblia foi corrompido. Não há referências, datas, lugares ou qualquer outra informação que comprove onde ele obteve suas informações ou como chegou à sua conclusão.

Por não mencionar suas fontes, seria possível simplesmente ignorar suas acusações. No entanto, vale a pena tentar oferecer uma resposta à sua principal objeção em relação à credibilidade do texto bíblico.

Ao longo da história, diversos teólogos muçulmanos renomados e respeitados na comunidade islâmica sustentaram (ou sustentam) que as passagens do Alcorão que falam sobre o tema indicam que judeus e cristãos teriam distorcido ou alterado o significado e a interpretação do texto, e não o texto em si.

Os primeiros polemistas muçulmanos, como 'Ali al-Tabari, Zaydi al-Qasim ibn Ibrahim e Al-Hasan ibn Ayyub, aplicaram o conceito de "*tahrif al-ma'na*" às escrituras cristãs e judaicas. Os polemistas posteriores da escola *Ash'arite*, como Al-Baqillani, Al-Ghazali e Fakhr al-Din al-Razi, também abordaram a Bíblia como basicamente sólida em seu texto, mas mal interpretada por cristãos e judeus. (Taymīyah & Michel, 1984, p. 89)

Embora o próprio Taymiyya tenha reconhecido que o livro sagrado muçulmano não declara explicitamente que o texto da Bíblia foi alterado, ele observou discrepâncias entre eventos ou doutrinas presentes nas Escrituras cristãs e o que o Alcorão ensina. Ao constatar tais divergências, Taymiyya concluiu que o Alcorão está correto e o texto bíblico deve ter sido modificado por cristãos e judeus. Isso se aplica a questões como a crucificação e ressurreição de Jesus, e sua afirmação de ser o Filho de Deus, por

exemplo. O mesmo acontece com a alegação sobre o papel profético de Maomé. O Alcorão afirma que ele é mencionado na Bíblia.¹⁶ Como não se encontra tal menção, a única explicação plausível, segundo ele, é que o texto bíblico foi alterado.

Como, então, é possível argumentar com um muçulmano e mostrar-lhe que não há base para a afirmação de que o texto da Bíblia foi corrompido?

1. O Pentateuco e os Evangelhos na época de Maomé

O Alcorão atesta que o "Povo do Livro" tinha em sua posse a verdadeira Torá e os Evangelhos. Há muitos versículos no Alcorão falando sobre a Bíblia cuja conjugação verbal está no tempo presente, reconhecendo a existência das sagradas escrituras judaicas e cristãs na época de Maomé. Aqui estão alguns exemplos:

"Ó filhos de Israel... acreditem no que Eu revelo, **confirmando a revelação que está com vocês**, e não sejam os primeiros a rejeitar... E não encubram a verdade com a falsidade, nem escondam a verdade quando vocês a conhecem... Vocês ordenam conduta correta para as pessoas e esquecem de praticá-la vocês mesmos, e ainda assim **estudam as Escrituras**? Vocês não entendem?" Sura 2:40-44.

Neste verso, fica claro que, para Maomé, os judeus possuíam a revelação (ou seja, o Pentateuco, chamado de Torá no Alcorão). O texto não fala sobre "a revelação que vocês tinham (no passado), e que foi corrompida". Além disso, como eles poderiam confirmar a revelação que eles tinham em mãos se não a tivessem na sua forma correta?

"E quando lhes chega um Livro de Deus, **confirmando o que está com eles**... eles se recusam a acreditar nele..." Sura 2:89.

Aqui há, novamente, a afirmação de que os judeus tinham em sua posse as Escrituras (Torá), que deveria ser usada para comparar a veracidade do que Maomé estava dizendo. Quem está supostamente falando por meio de Maomé é Deus. E Deus não pediria que tal comparação fosse feita se a versão que os judeus possuíam não fosse sem alterações.

¹⁶ "São aqueles que seguem o Mensageiro, o Profeta iletrado, o qual encontram mencionado em sua Tora e no Evangelho, o qual lhes recomenda o bem e que proíbe o ilícito, prescreve-lhes todo o bem e veda-lhes o imundo, alivia-os dos seus fardos e livra-os dos grilhões que o deprimem. Aqueles que nele creram, honraram-no, defenderam-no e seguiram a Luz que com ele foi enviada, são os bem-aventurados." Sura 7.157.

"Mas por que eles [os judeus] vêm a ti em busca de decisão, quando **eles têm (a própria) Lei** diante deles? Nela está o (claro) Mandamento de Deus..." Sura 5:46.

Não apenas os judeus têm sua própria lei (o Pentateuco), mas nessa lei pode ser encontrada o claro mandamento de Deus.

"Que **o Povo do Evangelho julgue pelo que Deus revelou nele**. Se alguém deixar de julgar pelo que Deus revelou, eles são (nada melhor do que) aqueles que se rebelam" Sura 5:50.

Como o "Povo do Evangelho" poderia julgar de acordo com o que Deus havia revelado a eles, se eles não tivessem o verdadeiro Evangelho em sua posse? Deus não daria um mandamento que não pudesse ser cumprido.

"Diga: Ó Povo do Livro! Vocês não têm nada (de orientação) até que **observem a Torá e o Evangelho e o que foi revelado a vocês** por seu Senhor" Sura 5:71.

Judeus e cristãos são instruídos a observar o que lhes foi revelado. Isso não poderia ser feito se a Torá e o Evangelho que tinham em mãos estivessem corrompidos.

2. O Antigo Testamento foi corrompido após morte de Maomé?

A partir dos poucos exemplos mencionados acima (há outros), pode-se afirmar que há evidências suficientes para concluir que Maomé não considerava a Bíblia como falsificada. Então, teria ela sido modificada após o tempo de Maomé? Isso seria muito difícil. Por quê?

O Antigo Testamento tem se mostrado um texto muito confiável. Desde o fechamento de seu cânon, por volta de 400 a.C., até o ano 900 d.C., grupos cuidadosos de escribas foram responsáveis por transmitir fielmente o texto das Escrituras. Eles tinham regras muito rígidas que garantiam que a cópia fosse confiável, conforme o manuscrito mais antigo.

Um desses grupos, chamado Massoretas (900 a.C. a 500 d.C.), foi extremamente meticuloso em seu tratamento do texto sagrado. De acordo com Sir Frederic Kenyon, quando eles tinham que fazer cópias de todo o texto do Antigo Testamento ou partes dele, eles

"... realizavam uma série de cálculos que não fazem parte da esfera comum da crítica textual. Eles numeravam os versículos, palavras e letras de cada livro.

Calculavam a palavra central e a letra central de cada um. Enumeravam versículos que continham todas as letras do alfabeto, ou um certo número delas, e assim por diante. Essas trivialidades, como podemos considerá-las corretamente, tinham o efeito de garantir atenção minuciosa à transmissão precisa do texto... Os Massoretas estavam, de fato, atentos para que nem um jota nem um til, nem uma menor letra nem uma pequena parte de uma letra, da Lei desaparecesse ou fosse perdida." (Conforme citado em McDowell, 1993, p. 58)

No entanto, por mais cuidadosos que fossem, o manuscrito mais antigo do Antigo Testamento produzido pelos Massoretas disponível até hoje data de aproximadamente 1.000 d.C. (Moon, 2016). Com isso, temos um intervalo de tempo de mais de 1500 anos sem uma cópia antiga confiável da Torá. Maomé morreu no ano 632 d.C. Não poderia ser que modificações tivessem sido feitas no texto por cristãos e judeus entre a morte de Maomé e o ano 1.000 d.C., e não soubéssemos nada sobre isso?

Em 1947, essa possível dúvida começou a ser dissipada com a descoberta dos Manuscritos do Mar Morto.¹⁷ Entre uma variedade de manuscritos antigos descobertos, um dos mais surpreendentes foi um manuscrito completo do texto hebraico de Isaías. Após uma análise cuidadosa, o manuscrito de Isaías foi confirmado como sendo de cerca de 125 a.C., mais de mil anos antes do manuscrito mais antigo disponível na época. Mais surpreendente ainda foi descobrir que não havia diferenças significativas entre o manuscrito recém-descoberto e o texto massorético, escrito mil anos depois.

Gleason Archer afirmou que uma comparação entre ambos os manuscritos "se mostrou idêntica, palavra por palavra, ao Antigo Testamento usado por judeus e cristãos em mais de 95% do texto. Os 5% de variação consistiam principalmente em erros óbvios de escrita e variações na ortografia" (McDowell, 1993, p. 61).

Se um texto pôde ser transmitido com tanta precisão por mais de mil anos, não há razão, nem evidência, para acreditar que ele não tenha sido igualmente bem preservado nos séculos anteriores.

3. A confiabilidade do texto do Novo Testamento

¹⁷ Manuscritos do Mar Morto é o "nome dado aos depósitos de textos antigos escritos em hebraico, aramaico ou grego, em papiro ou couro, que desde 1947 foram descobertos perto da margem Oeste do Mar Morto" (Collins, 1992, p. 85). Entre outros textos religiosos, também foram encontradas manuscritos (completos ou incompletos) de livros do Antigo Testamento.

Mesmo que os muçulmanos aceitem que o Antigo Testamento tenha sido mantido e transmitido de forma confiável, ainda poderiam argumentar que o texto do Novo Testamento foi alterado depois da morte de Maomé.

Se seguirmos a linha de raciocínio mencionada anteriormente, de que o Alcorão reconhece a existência de uma Torá e de um Evangelho válidos no tempo de Maomé, a única coisa que os muçulmanos precisariam fazer seria obter uma cópia do Novo Testamento daquela época, ou mesmo anterior a Maomé, compará-la com o Novo Testamento que temos hoje e apontar as diferenças. O problema para eles é que tais diferenças não existem.

O Códice Sinaiticus, por exemplo, datado de 350 d.C., contém a versão completa em grego do Novo Testamento tal como o conhecemos hoje, sem diferenças textuais significativas. Portanto, se (1) a versão do Alcorão que temos hoje foi estabelecida por volta do ano 650 d.C.,¹⁸ (2) o próprio Alcorão afirma a existência de um Evangelho não corrompido na época de Maomé, (3) os manuscritos que temos hoje do Novo Testamento em grego são anteriores a Maomé e (4) eles são idênticos àqueles que já existiam na época em que Maomé viveu, por que os muçulmanos afirmam que o Novo Testamento foi alterado? Para comprovar tal acusação, seria necessário que eles apresentassem cópias do Antigo e do Novo Testamento da época de Maomé que fossem diferentes das cópias disponíveis hoje em diversos museus e centros de estudos ao redor do mundo.

¹⁸ Não há concordância entre os estudiosos muçulmanos e não-muçulmanos sobre a data da formação do Alcorão. Várias questões textuais e históricas trazem à tona uma série de questões que ainda não foram satisfatoriamente respondidas. Alguns entendem que o texto do Alcorão como o temos hoje foi finalizado ao redor de 100 anos após a morte de Maomé. Entretanto, a maior parte dos eruditos muçulmanos defendem (baseado no que diz o Hadith) que seu livro sagrado foi formado por volta do ano 650 d.C. Para um estudo mais aprofundado do assunto, consulte (Small, 2011) e (Amado, 2015).